

## SANTO SOUZA: VIDA E OBRA DE SANTO SOUZA

**JÚNIOR**, Jonas Silvino.  
[junioremarcia@hotmail.com](mailto:junioremarcia@hotmail.com)

**PAULA**, Noemi Rodrigues de (Orientadora)  
Graduada em Literatura Inglesa, Prof<sup>ª</sup>. do Curso de Letras-Português/Inglês da  
Universidade Tiradentes - UNIT  
[noemidepaula@uol.com.br](mailto:noemidepaula@uol.com.br)

### RESUMO

O presente estudo surgiu no momento em que, pesquisando na Biblioteca “Jacinto Uchoa”, sobre os poetas brasileiros e verificando o pouco conhecimento e interesse sobre a literatura sergipana, nós: pesquisador, professor-orientador e familiares, sentimos a necessidade de realizar este trabalho a fim de que sirva de estímulo aos colegas em continuar este. Escolhemos o poeta Santo Souza para homenageá-lo em vida, como também, fazer divulgação de suas obras e potencial literário, tão reconhecidos fora do nosso Estado e tão negligenciados por todos nós sergipanos. Santo Souza, nascido em Riachuelo, Sergipe, a vinte e sete de janeiro de mil novecentos e dezenove, funcionário público federal, aposentado, poeta e jornalista, filho de Dona Hermínia Araújo, falecida em janeiro de mil novecentos e oitenta e três e de Raimundo de Vasconcelos, conhecido por “Seu Maneca”. Autodidata, com várias poesias acopladas em doze livros. Recebeu vários prêmios. Ocupa a cadeira número três na Academia Sergipana de Letras. Seu trabalho literário é baseado em símbolos, e é apreciado por vários poetas renomados em Sergipe e no país. Em suas criações, carregadas de alegorias e signos transcendentais, não há lugar para o prosaísmo do dia a dia. Ela desfralda as suas asas líricas, acalentadas por um sopro épico, abstraindo-se da realidade, introspectivo por excelência. Daí o predomínio da angústia órfica, intemporal em sua essência. Fiel a essa concepção órfica, busca o poeta-filósofo a transfiguração da tragédia do homem sobre a terra, esmagado nas engrenagens do tempo e do infinito. As informações adquiridas foram obtidas

através de conversas com o poeta, todas realizadas em sua casa, localizada no município de Aracaju, no bairro Siqueira Campos.

PALAVRAS-CHAVES: Símbolos; poeta; obras.

## **ABSTRACT**

The present study it appeared at the moment where, searching in the library “Jacinto Uchôa”, on the Brazilian poets and verifying the little knowledge and interest on sergipana literature, us: researcher, orienting professor and familiar, we feel the necessity to carry through this work so that it serves of stimulation to the other colleagues in continuing this. We choose the poet Santo Souza to homage it in life, as also, to make spreading of its workmanships and its literary potential, so recognized it are of our State and so neglected by all sergipanos we. Santo Souza, born in Riachuelo, Sergipe, twenty and seven of January of a thousand nine hundred and nineteen, federal public officer, pensioner, poet and journalist, son of Owner Hermínia Araújo, dead in January of a thousand nine hundred and eighty and three and Raimundo de Vasconcelos, known for “Seu Maneca”. Self-taught person, with some poetries connected in twelve books. It received some prizes. It occupies the chair number three in the Academy Sergipana de Letras. Its literary work all is based on symbols, and appreciated by some famous poets in Sergipe and the country. In its creations, loaded of allegories and transcendentalist signs, it does not have place for the day to day prosaic. It spreads its lyric wings, lulled to sleep for an epic blow, being losted in thought from the reality, introspective par excellence. From there the predominance of the órfica, intemporal anguishes in its essence. Fiduciary office to this órfica conception, searches the poet-philosopher the transfiguration of the tragedy of the man on the land, jammed in the gears of the time and the infinite. The acquired information had been gotten through colloquies wit the

poet, all carried through in its house, located in the city of Aracaju, in the Siqueira Campos quarter.

WORD KEYS: Symbols; poet; workmanships.

## **INTRODUÇÃO**

O artigo científico retrata a vida e a obra do poeta Santo Souza. O interesse do pesquisador surgiu no momento em que fomos analisando sobre os principais poetas brasileiros na Biblioteca Jacinto Uchoa para obter a graduação. Felizmente, por meio de orientações, não só da orientadora Noemi Rodrigues, mas também dos familiares, chegamos à conclusão que os poetas sergipanos do século vinte e vinte e um não estavam sendo divulgados de uma forma clara, acabando aos poucos com a nossa história. Os poetas sergipanos são os verdadeiros “engenheiros poéticos”. Eles redigiam e outros ainda redigem as suas poesias em homenagem a nossos bairros, ruas e cidades do estado de Sergipe. Se nós formos analisar cada poesia, poderemos obter um mapa geográfico através de palavras.

Com isso, nós tivemos uma idéia a qual foi para toda a pesquisa: divulgar um poeta sergipano em vida a fim de que seja valorizado não só por nós, docentes e discentes, mas também por aqueles que querem continuar fazendo esta pesquisa. Poeta este, chamado Santo Souza, um dos baluartes da Literatura em vida que passou por momentos difíceis e pertinentes e susceptibilidade humana.

O objetivo geral desse artigo científico é divulgar os escritos do poeta e escritor sergipano Santo Souza, a partir de uma profunda e reflexiva visão literária. Como também os objetivos específicos que são de contribuir para a realização do artigo sobre a vida do poeta sergipano; servir de embasamento teórico para estudantes do curso de Letras e cursos afins;

perpetuar a obra do poeta e resgatar do anonimato o nome do poeta Santo Souza, que muito contribuiu para a literatura sergipana.

O valor relevante e as contribuições deste artigo científico são de perpetuar a obra imortal do poeta Santo Souza disseminando sua obra literária a todos quantos admiram a literatura sergipana.

Este artigo científico foi feito usando a metodologia da pesquisa qualitativa do tipo estudo de caso, onde ressaltamos a grande colaboração do poeta Santo Souza, com a sua humildade em suas respostas que foram questionadas de maneira informal. Nós formulamos uma hipótese de que as obras do poeta Santo Souza são baseadas em fatos ocorridos no cotidiano em Sergipe, no Brasil e no mundo. Fatos estes, representados por símbolos.

## **VIDA E OBRA DE SANTO SOUZA**

### **1. VIDA**

Quando interrogado sobre o grau de parentesco ou os seus vínculos familiares, ele se autodefine com essa resposta: “Não tenho raízes, a minha mãe era uma pobre mulher negra e lavadeira. Sou filho único”. Sua mãe sempre se esquivava em dizer quem de fato era seu pai. Porém tinha uma tia professora que lhe dizia que seu avô se chamava Tomás Dogô, oriundo de uma colônia francesa. Curioso como ele é, começou a realizar pesquisas geográficas que o levaram até a Costa do Marfim. Então ele encontrou respostas para algumas interrogações da sua vida. Passou a saber um pouco sobre a família de sua mãe. Santo Souza não conhecia seus avós paternos e maternos. Quanto à família do seu “pai”, durante conversas em segredo, ouviu que o sobrenome era Vasconcelos, Vasco+celos, originado da Espanha e Portugal.

Nascido na cidade de Riachuelo, aos quatro anos já lia pequenas notícias de jornal, mesmo sem ir à escola regular. Ele tinha uma tia que lhe alfabetizou. Com 13 anos, escrevia alguns versos e usava pseudônimo. Filho de lavadeira, Santo Souza escrevia seus versos em papel manilha e fazia um jornalzinho que vendia na escola que estudava por (1) um conto.

Gostava de ler poesias de Luiz Vaz de Camões e Bocage, porém apaixonou-se verazmente pelas obras de Gonçalves Dias. A partir daí, tomou gosto pela literatura e passou a compor poesias inspirado no livro I-Juca Pirama do saudoso Gonçalves Dias. Questionamos com ele como nasce a poesia. Ele, de maneira catedrática, responde que, quando compõe seus versos, é como se estivesse “parindo”, Pois ela é baseada também na natureza, em pessoas amadas e momentos desconhecidos, porém já vividos.

Aos treze anos, Santo Souza já falava de amor em seus poemas. “O orfismo nasceu em mim, não sei quando. O que escrevia já era orfismo e nem sequer sabia”, afirma o acadêmico da Academia Paulista de Letras.

Começou a trabalhar em farmácia e depois em banco, até despontar em definitivo para a poesia. Foi na farmácia onde trabalhava que conheceu sua esposa, dona Mariana, que sempre ia a mando de seus pais comprar plantas medicinais.

Santo Souza encontrou um pretexto para sempre vê-la. Sempre que chegava à farmácia, lhe dizia que não tinha tal erva. Entretanto passando-se alguns dias soube que todas as vezes que dona Mariana chegava em casa sem a tal erva era surrada pela mãe que achava que ela estava mentindo.

Na farmácia, em Riachuelo, ganhou, graças à sua ousadia e curiosidade, o grau de manipulador ou prático em preparar fórmulas de remédios. Na aquecência da sua juventude preparou sozinho, sem o prático velho da farmácia estar orientando.

Transferindo-se para Aracaju em definitivo, a farmácia Ísis passou a localizar-se no centro da cidade.

Em meio a momentos de dores, perdas, conflitos e saudosismo, tinha uma tristeza, mágoa ou dissabor que não superara: a condição de filho abandonado ou renegado pelo pai,

que sempre acreditou ter morrido na Guerra do Paraguai, combatendo, pois todas as vezes que interpelava sua mãe quanto à sua origem, era essa a resposta que ouvia.

Após as pesquisas e rumores de pessoas ligadas a sua mãe, descobriu que seu pai era vivo. Passando-se muitos anos ele teve a certeza de que seu pai sabia de sua existência, o que fazia, onde vivia, porém nunca o procurou para reconheceu a paternidade.

Certo dia, Santo Souza foi pego de surpresa com uma triste notícia: sua mãe tinha sido acometida de uma doença incurável (câncer). Foi então que o mesmo resolveu conversar com ela sobre a descoberta que fizera quanto à sua origem e a sua história de nascimento.

Tomado por lágrimas e vivendo um momento de comoção, falou-lhe: “mãezinha, sei que encobriste toda minha história para proteger-me, porém você é uma pessoa rica, pois não precisaste viver da caridade de ninguém, como algumas senhoras falidas da sociedade onde nasci. Descobri quem eu sou, quem é meu pai, o que tem e o que faz. Ele é um advogado requisitado de grande sobrenome, filho de dono de engenho e família de comerciantes, casado, com 12 filhos legítimos de uma união estável perante a lei de Deus e dos homens e 3 filhos ilegítimos bastardos, e eu sou um deles.” As lágrimas cobriam suas faces, pois sentiu que perdoou sua mãe e foi perdoado e conseguiu, com a força de Deus, perdoar seu pai também. Num breve momento de excitação, após ter feito suas revelações, tomou uma cerveja, tendo a sensação de ter tirado uma “montanha” de cima de si.

Em janeiro de 1983, sua mãe, Hermínia Araújo, faleceu.

E por uma cilada da vida, por ocasião da doença de seu pai, seu tio, dono da farmácia onde Santo Souza trabalhava, porém nunca havia dito ao mesmo que ele era seu sobrinho, mandou levar uma medicação na casa do seu próprio pai. Vários foram os sentimentos e indagações que passaram pela sua cabeça. Ao entrar na casa de seu pai, Santo Souza sentiu-se um completo estranho, sendo tratado com indiferença e estranheza, sem perguntas, afagos ou simpatia. Seu pai sofria de problemas cardíacos, que traziam como conseqüência uma tosse

forte, uma voz quase inaudível e uma dispnéia grave. Simplesmente, lhe disse como tomar a medicação e saiu daquele lugar.

Meses depois ficou ciente que seu pai, Raimundo de Vasconcelos (Seu Maneca), morreria de um ataque cardíaco fulminante, devido ter ingerido uma dosagem da medicação de maneira errada.

Em 1940, Santo Souza, casou-se com Maria Ana Gama Souza (D. Mariana), na Igreja de Santo Antônio, com quem teve oito filhos, criados com amor, rigor e responsabilidade, encaminhando-os para a vida.

No dia quatro de julho de mil novecentos e setenta, o poeta Santo Souza ocupa a cadeira número três da Academia Sergipana de Letras.

## **2. ESTILO LITERÁRIO**

O aparecimento do poeta Santo Souza com sua obra singular, modelada em novos horizontes estéticos, veio interromper a trajetória da poesia social, engajada e comprometida com o contexto, mas já em franca decadência. Ao contrário dos outros poetas que viam o homem situado no tempo e no espaço, em seu sofrimento oriundo do contingente social Santo Souza capta esse sentimento existencial de mutilação, dentro de uma perspectiva histórica.

Mesmo nos inúmeros poemas de conteúdo ideológico o enfoque e o tratamento da problemática estão equacionados em função da sensibilidade de Santo Souza, introspectiva por excelência. Daí o predomínio da diuturna angústia órfica, intemporal em sua essência.

No conjunto dos livros publicados, evidencia-se, em primeiro plano, a intuição filosófica do poeta em sentido ascensional. Revela-se diante da existência e do mundo, com perfeito equilíbrio entre a modelagem artística, personalíssima por natureza, e a própria substância do material poético modelado. Em suas criações carregadas de alegorias e signos, transcendentais, não há lugar para o prosaísmo do dia a dia. As ocorrências quotidianas, sem dimensão no tempo infinito, ou o amor tradicional, como sofrimento individual e possessiva

ou ainda a ambiência telúrica, não se encontram acolhidas nas estilizações do poeta Santo Souza. Ele desfralda as suas asas líricas, acalentadas por um sopro épico, abstraindo-se da realidade imediata e circundante. Erigindo como centro de suas preocupações o homem em sua natureza íntima, fragmentado entre a noite inicial, a queda e o retorno, vai arquitetando “um céu para existir”, impotente dentro do tempo imperecível que o esmaga.

“Entretanto, a poética de Santo Souza não é de fácil acesso, tanto pelo círculo subjetivo-filosófico em que ela se desenvolve, como pela falta de iniciação daqueles que a pretendem analisar. Para esse acesso o ponto de partida terá de ser forçosamente o conhecimento da doutrina ou mito de Orfeu, o criador e iniciador dos mistérios sagrados da Trácia, o integrador da alma religiosa da sua pátria e o revelador da centelha divina das almas.” (Lima, 1974)

E ninguém melhor do que o poeta Homero Prates, um iniciado no orfismo, para conduzir-nos à intimidade dos ensinamentos órficos, pondo diante de nós a doutrina que se opunha em atitude apolínea, ao Culto do Mal e da Treva, da Luxúria e da Morte:

“Orfeu em seu ideal humano, que era transformar a Terra em um jardim de paz e ventura, teve a intuição da unidade divina do todo e foi dos primeiros criadores de religião a afirmarem esse princípio básico de todas as filosofias idealistas. Daí o seu sonho mais alto de recordar às almas o perdido caminho do céu. Acreditando como Iniciado, que uma centelha divina anima todas as coisas, que um mesmo espírito universal existe esparsos em tudo como a luz, nas ‘criaturas que são deuses efêmeros como nos deuses que são homens que não morrem’, o poeta considera a alma exilada do céu que através das gerações, as vidas sucessivas, as quedas e as ascensões, voltará um dia ‘a sua pátria esquecida a unir-se à grande Luz onde baixou.’” (PRATES, 1974. Apud LIMA, Jackson da Silva, Concerto e Arquitetura, prefácio)

É dessa seiva que se nutre a obra de Santo Souza, no que ela representa de maior expressividade e, porque não dizer, originalidade.

“Um dos mais inventivos poetas de Sergipe, ou seja, Santo Souza (1919-), cuja poesia segue uma linguagem universal da metáfora na tradição da imagem, postura de todos os tempos da poesia, o que desclassifica estética e história literárias no esquema camisa-de-força do paradidatismo. Esta volta ao sacral, ao emblematismo de Santo Souza (é bom salientar que ele não é um epígono de forma tradicional, pois tem sua própria personalidade estética) tem caracterizado o que no Brasil se tem chamado de Geração de 45, e o próprio Santo Souza fará parte de uma antologia desta Geração, de circuito nacional.” ASSIS BRASIL, in Poesia Sergipana no Século XX (antologia), 1998, p. 17).



### **3. OBRA**

Se ainda vigorasse no nosso mundo intelectual a escola simbolista, que substituiu outras formas poéticas antes do advento do parnasianismo, contaria com a importante presença do poeta Santo Souza, jovem e magnífico poeta sergipano comparável a Cruz e Souza, um dos seus mais expressivos líderes.

Suas idéias, versos, poemas ou prosas são claras e brilhantes como as estrelas.

Essas são as obras do poeta Santo Souza: Cidade Subterrânea, Caderno de Elegias, Relíquias, Ode Órfica, Pássaro de Pedra e Sono, 8 Poemas Densos, Concerto e Arquitetura, Pentáculo do Medo, A Ode e o Medo, Obra Escolhida, Âncoras de Argos, A Construção do Espanto e Rosa de Fogo e Lágrima.

Cidade Subterrânea é o seu livro de estréia. Na terra de Hermes Fontes, o livro revela não as indecisões de um debutante, mas um poeta de alta e profunda inspiração, cujo espírito amadureceu talando as selvas ásperas da incompreensão e sofrimento.

Na obra de Santo Souza, tudo se move numa mistura de símbolos, que lhe refletem a feição e perfeccionismo personalíssimos.

Cidade Subterrânea, Caderno de Elegias e Ode Órfica, precedem na cronologia e na temática a 8 poemas Densos, Concerto e Arquitetura, Pentáculo do Medo, A Ode e o Medo e Âncoras de Argo.

#### **3.1. CIDADE SUBTERRÂNEA**

O Grito das Estátuas é um poema de grande valor sentimental, pois retrata um período de reconhecimento de sua obra.

Este poema recebeu prêmios do Ministério da Educação e da Academia Brasileira de Letras. A partir daí, com o reconhecimento nacional e luta pela busca do aprimoramento de sua obra e seu estilo literário, não cessou, pois não seguiu nenhuma escola literária. Por ser

autodidata não se preocupou com rimas métricas, estrofes e versos. A grandeza de sua obra está em contrariar as convenções literárias do seu tempo.

O poema foi escrito em 1953, com sua luta consigo, com as mazelas da vida, com uma pausa de revolta e dissabor. Ele compôs este poema enquanto trabalhava como farmacêutico em Aracaju.

### **3.2. CADERNO DE ELEGIAS**

Este livro foi publicado em 1954.

Caderno de Elegias é um condensado de angústias, perplexidades e interrogações que assolaram o homem do século vinte nessa ínfima fração de tempo, porém tão assustadores na história evolutiva da humanidade.

Os versos iniciais da Elegia nº. 1, estendido como metáfora, expressam a idéia da criação e da evolução, mesmo refletindo à luz da moderna ciência.

No passeio pelas 31 elegias da primeira edição do livro, Santo Souza nos reintegra nesse universo onde homens e anjos, deuses, estrelas, sereias, pedras, mares, ventos, cidades, vozes, luzes e sombras, rosas e lágrimas... tudo se mistura, pisando na calçada de todos os corações da multidão aflita. Nas elegias, as mãos do vento balançam, bate o coração livre dos astros, as luzes fecham os olhos, o poste tem lâmpada acesa em sua mão, o olhar da lâmpada procura o rumo dos passos e assim por diante...

O passeio é muito mais do que estas imagens onde o poeta percebe a natureza de todas as coisas igual à sua, tanto aquelas que lhe são preexistentes – astros, rios, pedras – quanto àquelas inventadas pelo próprio homem – lâmpadas, sinos, emprestando-lhes ações que ele executa ou ao contrário, reconhecendo as belezas da natureza.

“CADERNO DE ELEGIAS – trinta e um poemas elaborados em tom profético, numa atmosfera de tragédia iminente. Desfilam aí mães, filhos e mesmo toda a humanidade, num desamparo apocalíptico.” (RENATO JOBIM)

Dentre várias elegias contidas neste livro, a mais intensa e significativa é a de número 13, dedicada à sua mãe.

O número treze para o poeta é um número forte, cheio de mistérios. Para Santo Souza, este livro foi concebido a partir de uma visão, espécie de premonição que ele descreve da seguinte forma: “Eu via uma gota de sangue no asfalto que crescia e tomava a sala em que eu estava escrevendo.” Neste livro há um resgate de lembranças de sofrimentos e dissabores vividos na juventude. Ele reflete as dores e anseios de uma alma marcada por desencantos e desencontros. Segundo ele, “o inconveniente absorve e revela situações e momentos que sublimamos por defesa. A poesia que não é de amor nasce do sofrimento”. Porém a sua sensibilidade em suas narrativas, sentidas nas palavras e no pronunciar de seus versos, faz-nos deleitarmos e ficarmos perplexos diante de tal grandeza e firmeza de palavras. Escrever, para Santo Souza, é uma missão.

### **3.3. ODE ÓRFICA**

Essa notável obra, que lhe rendeu reconhecimento junto à crítica nacional, foi baseada na filosofia de Orfeu, que tinha seus princípios em Sócrates e Pitágoras. Teve início em julho de 1955 e culminou com a publicação em dezembro de 1956. Ela é composta de 10 cantos divididos em 130 versos. Após ter publicado Ode Órfica passou 6 anos sem escrever devido não querer continuar Ode Órfica.

“Ode Órfica não só nos impressiona pelo acervo de recursos expressionais: fôlego, cadência do ritmo, sonoridade do verso, orquestração vocabular, etc., mas, sobretudo pela abundância de pensamentos profundos. Dentro do inspirado círculo objetivo subjetivo-transcendental em que se desenvolve a temática do poema, sucedem-se imagens e símbolos numa carga emocional densa, de inigualável arquitetura plástica.”(JACKSON DA SILVA LIMA)

Ode Órfica não é um acaso na obra do poeta. É bem uma intenção, uma estrada que se dirige para o mais longo e fundo da alma humana. São reticências indagativas de quem se sente “fragmentado, fazendo a hora do que se vislumbra um raio de esperança atento ao princípio, à noite inaugural”.

Em geral, os mitos têm abundado na ficção e na poesia dos novos, principalmente os mitos gregos. Santo Souza utiliza com muita segurança e raro cuidado o mito de Orfeu.

### 3.4. PÁSSARO DE PEDRA E SONO

Pássaro de Pedra e Sono, composto no início dos anos 60, foi publicado em 1964, pelo Movimento Cultural de Sergipe, dirigido por José Augusto Garcez e sofreu reservas e censuras como tudo que falava em liberdade e em mudanças, em evolução social. São poucos poemas, na verdade que carregaram a tintura da ocasião, mudanças, como Macumba, Paus de Arara, João o Semeador, Ciranda, Noite de Natal, Decreto-Lei nº. 13, Canção de Condenado entre outros. Mas também existem outros poemas com Hiroshima, O Olho Mau da Espanha e O Medo, que são de temática universal, sem qualquer relação com o Brasil naqueles dias. No final do livro está o prêmio maior da Literatura: Os Sonetos quase Sonatas, antológicos como três movimentos, qual a música a embalar a angústia humana e mover a aventura órfica do poeta.

“Baste o esforço de andar por estes mares,  
sem bússola ou farol, no rumo incerto.  
De reacender a fé no peito, para  
dissimular com riso o espanto e o medo  
da insegurança, enquanto navegamos.  
Neste armazém de angústia, em que vendemos  
por baixo preço a vida, alma, trabalho,  
cansaço de morrer a todo instante,  
há de sobrar-nos este humilde prêmio:  
o haver repatriado a rosa de ouro  
para gozo das pobres mãos humanas  
e – nautas da esperança – conduzir  
a nave flamejante das auroras  
na rota irregular da escuridão.”

(Sonetos quase Sonatas. 1º movimento)

Santo Souza é um desses poetas primordiais que não se contentam com as aparências e vão além da tessitura da matéria da matéria olhando para a construção, a arquitetura do mundo em sua dinâmica permanente. Lá se vão quase cinquenta anos do surgimento da primeira edição de Caderno de Elegias, poemas quase todos compostos em abril e junho de 1954. A poesia brasileira, cheia de altos e baixos, sobretudo agora, quando a Internet explode

em endereços eletrônicos onde se misturam poesia de qualidade com supostas expressões poéticas.

Santo Souza é um mestre do ritmo, um artesão das palavras, mas, sobretudo, é um “sonhador de sonhos”, um paleontólogo da natureza humana.

### 3.5. ÂNCORAS DE ARGO

Âncoras de Argo completa o compromisso emblemático, ou sagrado, entre Orfeu e Santo Souza. Vendo a âncora como único apoio do navio da esperança e um símbolo de constância e fidelidade.

“Com Âncoras de Argo, creio que está cumprida a tarefa do poeta. Santo Souza a realizou por todos nós. Reinventando mitos, retrçou a história humana, indo de seus primórdios ao futuro idealizado – o dia em que o homem, depois de desvendar os mistérios da vida e do universo, tendo a certeza de sua imortalidade, possa finalmente descansar e dormir no chão da eternidade.” (GIZELDA MORAIS, Alagoas (in Esboço para uma Análise de Significado da Obra poética de Santo Souza, 1996. p. 43))

Com as Âncoras de Argo, Santo Souza diz ter encerrado sua aventura órfica, iniciada em dezembro de 1954, com os versos antológicos de Ode Órfica: “Era tão clara a tua voz e tão/ limpo, o teu canto inicial, ó noite/ que o tempo adormecia em tuas mãos!”.

O livro saiu no dezembro seguinte, de 1955, e tem merecido da crítica todos os louvores.

Em dezembro de 1954, depois dos primeiros versos de Ode Órfica o poeta fecha o ciclo da sua aventura com Âncoras de Argo.

Não parece razoável aceitar que dezembro seja uma mera coincidência na construção da obra souzaena. Tudo em Santo Souza tem um sentido, uma razão, uma intenção deliberada. Seus versos são medidos exatos, embora estejam aparentemente soltos. As palavras, quase todas pertencem a um naipe comum e funcionam como os instrumentos das orquestras cada um com seu valor semântico/ simbólico. O poeta é um alquimista, fundindo nos versos as lições mais antigas da alma humana, diante do mundo e da vida inexplicáveis.

Dezembro é o 10º mês do calendário antigo, que começava a ser contado de março. E 10, recorrente na obra de Santo Souza, é um número sagrado, um símbolo da totalidade, como soma dos quatro primeiros números e da quantidade dos dedos das mãos. Para o pensamento subordinado ao sistema decimal, o 10 é o símbolo do retorno à unidade e um grau mais elevado, e símbolo do que se fecha em si.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

É importante não radicalizar nas conclusões, considerando que obrigatoriamente algo que inicia, forçosamente terá fim. Se a semente for lançada e cuidada, o final não existe, mas sim a perpetuação da mesma, através de frutos que darão novas sementes.

Este artigo trouxe à tona uma problemática com relação à divulgação dos poetas sergipanos. As Bibliotecas Públicas do estado de Sergipe contém poucos acervos desses poetas. Isto é lamentável porque só faz apagar a nossa história, e os nossos descendentes pouco saberão sobre eles. Nesse artigo não foram colocadas análises de todos os poemas justamente para que outros colegas sintam-se incentivados a pesquisar e continuar homenageando os nossos poetas.

Conseguimos, com êxito, buscar um poeta que além de estar em vida, muito se interessou pelos nossos objetivos sendo prestativo às nossas necessidades.

Em alguns momentos, a nossa emoção e a do poeta Santo Souza falou mais alto, pois certos relatos tocaram fundo. Foi impressionante perceber o semblante do poeta. E para nós que estávamos ouvindo sentíamos como se estivéssemos sendo transportados para outra dimensão, ou seja, o poeta divaga com suas histórias de vida e obras.

Santo, agora com aos 86 anos, mas “garoto” com várias lembranças agradáveis, sua auto-estima, boa vontade e a paciência em nos incentivar nesse trabalho árduo que oferecemos com muita dedicação e amor ao poeta.

O poeta Santo Souza, intelectual como sempre foi, é e será, traz-nos várias reflexões no final das suas entrevistas, como:

“Quem pode definir a poesia do poeta são os leitores que vêem e notam o seu cotidiano; minha poesia é para sentir e não para ser descrita.”

Por fim, espera-se que este trabalho possa ajudar na reflexão de todos que se interessam pelo assunto e que possa continuar para outras pesquisas que venham a surgir, reforçando cada vez mais a idéia de que divulgar os nossos poetas sergipanos de ontem e de hoje, enche-nos de orgulho por enaltecer a nossa terra querida.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Henrique L., in **Poetas Contemporâneos (antologia)**, São Paulo, p. 92-94.
- ANDRADE, Maria Margarida de. **Introdução à Metodologia do trabalho científico: elaboração de trabalhos na graduação**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2001.
- ARACAJU.COM – <http://www.aracaju.com/pagina.php?obj=personagem&var=20>
- ARARIPE JUNIOR, Tristão de – **Literatura Brasileira, Movimento de 1893, O Crepúsculo dos Povos**. Empresa Democrática, 1896.
- AYALA, Walmir, in **A Novíssima Poesia Brasileira**, Editora Cadernos Brasileiros, 1965, p. 118-120.
- BARRETO, Luiz Antônio – in **Ode Órfica (orelha)**. 3ª ed. Rio de Janeiro: José Álvaro Editor, 1968.
- BARROS, A. I de S. LEHFELD, N. A. de S., **Fundamentos da Metodologia Científica – um guia para iniciação científica**. 2ª ed. São Paulo: Makron, 2000.
- BARROS, Aidil de Jesus Paes de. **Projeto de Pesquisa: propostas metodológicas/ Aidil de Jesus Paes de Barros, Neide de Souza Lehfeld** – Petrópolis: R1: Vozes, 1990.
- BRASIL, Assis, in **A Poesia Sergipana no Século XX – (antologia)**, pp. 9-101.
- BUENO, F. da S. **Dicionário da Língua Portuguesa**. 11ª ed. Brasília. MEC, 1983.
- CAMPOS, Milton Godoy Campos, in **Antologia Poética da Geração de 45**, Clube da Poesia, São Paulo, 1960.
- CASCUDO, Luis da Câmara, Rio Grande do Norte, in **Prefacio à Cidade Subterrânea**, 1953, pp. XXIII/XXIV.
- FIGUEIREDO, Ariosvaldo, in **História Política de Sergipe**, vol. 4. Aracaju, 1991, p. 196-198.
- JORNAL DA POESIA – <http://www.secrel.com.br/jpoesia/santosouza.html>
- LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do trabalho científico; procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatórios, publicações e trabalhos científicos**. 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2001.
- LIMA, Jackson da Silva, in **História da Literatura Sergipana**, vol. 1. Aracaju, 1989, 92 pp.

- MENEZES, Raimundo de, in **Dicionário Literário Brasileiro**, 2ª ed, São Paulo, 1978, p. 656.
- MILLIET, Sérgio. In **Diário Crítico**, vol. X, São Paulo, Livraria Martins Editora, 1959, p. 109-111.
- MOISÉS, Massaud. **História da Literatura Brasileira: Simbolismo**. 3ª ed. São Paulo. Cultrix, 1984. p.4.
- OLYNTO, José e MARIA, Márcia, in **Poesia Sergipana (antologia)**, pp. 87-93
- PORTO, Austrogésilo, in **O Realismo Social na Poesia em Sergipe**, Aracaju, 1960, p. 89-93.
- SILVA, Domingo Carvalho da, in **Uma Teoria do Poema**, 1986, 9.124.
- SOUZA, Santo. **8 Poemas Densos**. 1ª ed. Aracaju: Movimento Cultural Brasileiro, 1964.
- SOUZA, Santo. **A Ode e o Medo**. 1ª ed. Aracaju: Repertório Cultural, 1988.
- SOUZA, Santo. **Âncoras de Argo**. 1ª ed. Aracaju: Sociedade Editorial de Sergipe, 1994.
- SOUZA, Santo. **Caderno de Elegias**. 1ª ed. Aracaju: Movimento Cultural de Sergipe, 1956.
- SOUZA, Santo. **Cidade Subterrânea**. 1ª ed. Aracaju: Movimento Cultural de Sergipe, 1953.
- SOUZA, Santo. **Concerto e Arquitetura**. 1ª ed. Aracaju: Prefeitura Municipal de Aracaju, 1974.
- SOUZA, Santo. **Obra Escolhida**. 1ª ed. Aracaju: Sociedade Editorial de Sergipe, 1964.
- SOUZA, Santo. **Ode Órfica**. 1ª ed. Aracaju: Regina, 1956. Aracaju: Movimento Cultural de Sergipe, 1956.
- SOUZA, Santo. **Pássaro de Pedra e Sono**. 1ª ed. Aracaju: Movimento Cultural de Sergipe, 1964.
- SOUZA, Santo. **Relíquias**. 1ª ed. Aracaju: A Nacional – Livraria, 1955.
- TORRES, Artur de Almeida. **Cruz e Souza (Aspectos Estilísticos)**. Rio de Janeiro. Aguilar, 1961